

Corino de Andrade

Paula Coutinho

No passado dia 10 de Junho, Corino de Andrade fez noventa anos. É um bom momento para recordar um homem que influenciou claramente a Neurologia, a investigação científica e os conceitos de trabalho e assistência hospitalar em Portugal.

Alentejano profundo, sempre orgulhoso das suas origens, Corino de Andrade nasceu em Moura e passou a infância e a adolescência em Beja, onde o seu pai era veterinário. Foi depois na Escola Médica de Lisboa que se licenciou, em 1928, estagiando a seguir, já em Neurologia, com o Prof. António Flores.

O seu espírito irrequieto cedo o levou a emigrar, trabalhando entre 1930 e 1938, na Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina de Estrasburgo, dirigida por Barré, primeiro como assistente voluntário, depois como chefe de clínica. Iniciou-se aí o seu interesse, nunca esgotado, pela neuropatologia, fundando, por proposta de Barré, o laboratório que chefiou.

Em 1936, passou um ano em Berlim, trabalhando com dois famosos neuropatologistas, Cécile e Oskar Vogt, de quem ficou amigo pessoal. Ao longo deste período europeu, conheceu e conviveu com alguns dos grandes nomes da Neurologia, então numa fase de extraordinária expansão.

A iminência da guerra e a doença e morte do pai forçaram o seu regresso a Portugal, onde atravessou então o inevitável ambiente de rejeição historicamente reservado aos “estrangeirados”. Muito à sua maneira, recomeçou do princípio: veio para o Norte e, depois de um curto período no Hospital Conde Ferreira, chegou ao Hospital de Santo António pela mão do então provedor António Luís Gomes. Com uma licença para trabalhar por ... um ano, que se transformou finalmente em quase uma vida.

Com um martelo e um diapasão, tornou-se numa espécie de neurologista ambulante pelas enfermarias do hospital, onde cedo descobriu, com a habitual argúcia, um médico recém formado, João Resende, que viria a ser o seu braço direito e a base indispensável de toda a obra futura. Da complementaridade pessoal e profissional destes dois homens nasceu a consulta de Neurologia e, anos depois, o Serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António, do Porto.

A sua personalidade integradora e motivadora de trabalho de grupo, a par da sua já notável dimensão profissional e humana, atraíram, nos anos 50 e 60, muito “sangue novo”: primeiro Pereira Guedes, Jorge Campos e Castro Alves, depois António Coimbra, Manuel Canijo, Rocha e Melo, Leão Ramos, Paulo Mendo, Luís de Carva-



lho, Silva Araújo e Castro Lopes.

À medida das necessidades que a prática clínica ia criando, o serviço foi-se desdobrando em novas valências, como Neurofisiologia, Neurocirurgia, Neuro-radiologia e Neuroanestesiologia, mais tarde individualizadas em serviços autónomos. Unidades então pioneiras foram criadas, como a reanimação respiratória e a traumatologia cranioencefálica e medular.

Paralelamente, a observação, em 1939, de uma doente da Póvoa de Varzim com “uma forma peculiar de neuropatia”, e a noção de que, na família e na terra, existiam muitos doentes semelhantes, levou ao início da investigação da doença que para alguns tem ainda o seu nome — doença de Andrade, paramiloidose ou polineuropatia amiloidótica familiar. Depois de uma magistral descrição clínica e de longos estudos neuropatológicos, Corino de Andrade, segundo a sua estratégia habitual, começou a interessar outras pessoas em aspectos particulares da doença, obtendo assim novas colaborações: Pedro Pinho Costa, que fundou o laboratório de Neuroquímica; Gonçalves Moreira e Falcão de Freitas na Cardiologia; Abel Gomes, na Neuroftalmologia. A investigação foi-se expandindo, levando à criação, em 1960, do Centro de Estudos de Paramiloidose.

Quando se reformou, em 1976, julgar-se-ia que Corino de Andrade se iria ocupar do jardim e dos seus livros. Puro engano: atravessou simplesmente a rua e começou, em colaboração com Nuno Grande e com a ajuda de vários cientistas portugueses emigrados que conseguiu entusiasmar para o projecto, uma nova escola de Medicina, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, de que se ocupou bem activamente nos dez anos seguintes.

Quer na vertente hospitalar, quer na vertente de investigação, sempre harmoniosamente associadas, o segredo do “Dr. Corino” foi sempre o mesmo: a capacidade de diagnosticar situações, uma extraordinária argúcia na previsão de futuros desenvolvimentos, o conhecimento das potencialidades (e limitações) das pessoas que o procuravam, o estímulo constante do seu aperfeiçoamento, através de estágios no estrangeiro (para os quais eram, muitas vezes, relutantemente empurrados) que se traduziam depois por importantes saltos qualitativos na respectiva área. Do segredo faz também parte a rara capacidade de fomentar o espírito de equipa e o entusiasmo pelo serviço, onde todos trabalhavam muito para além dos horários estabelecidos, sentido-se parte activa do progresso conseguido. É uma espécie de sabedoria universal para a qual não existe palavra em português — o Dr. Corino é um “sage”.

Engana-se quem imaginar Corino Andrade como um cientista convencional. Era e é um homem do mundo, inesgotavelmente interessado e atento às novas ideias e novos movimentos nos mais variados campos da actividade humana. Foi por isso sempre uma pessoa com quem é fascinante conversar de livros, de política, de comida, de quase qualquer coisa. Frequentar o seu serviço, onde, aos sábados de manhã, se reunia uma tertúlia das mais variadas pessoas, podia significar coisas tão diferentes como discutir António Machado, religiões indianas, os gregos ou aprender a amar ou odiar *choucroute*.

Não era também um chefe distante. Pequenas e longas conversas faziam parte dos nossos dias, ao passarmos pela biblioteca, coração do serviço, quase preenchida por uma longa mesa a cujo topo se sentava, como uma aranha. As suas pequenas manias, as perguntas abruptas e desconcertantes, as suas distrações, enchiam os nossos dias e fazem com que, ainda hoje, nos lembremos do nosso eterno “patrão” com um sorriso amigo. Entrar na sua zona de influência modificou a vida de muitos, tanto do ponto de vista profissional como pessoal.

Fica a noção clara de se ter encontrado “um bicho” diferente, genial, sem qualquer relação com a habitual mediania portuguesa. Conhecer o Dr. Corino, foi, e será sempre, um privilégio.